

# INIQUIDADES DE GÊNERO EM ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS. UMA NOVA ONDA FEMINISTA SE LEVANTA NO CHILE

Presenciamos uma nova mobilização do alunado de educação superior no Chile. Sua motivação não está nas limitações no acesso a este nível educativo, como aconteceu no passado, e sim nas iniquidades de gênero presentes, no sexismo imperante nas salas de aula e na violência de gênero como mecanismo para a manutenção de dita desigualdade. Têm sido paralizadas todas ou parte das actividades das universidades sob a consigna de uma mobilização de carácter feminista.

O nexos entre o movimento feminista e as transformações do sistema educativo no Chile não é recente. Há mais de um século se observam significativas contribuições ao lento processo de visibilização e eliminação das desigualdades que caracterizam as relações entre homens e mulheres, que encontram sua origem nas construções de gênero presentes na sociedade. Belén de Sárraga difundiu idéias (liberais para a época) sobre a necessidade das mulheres participarem do sistema de educação formal; Elena Caffarena contribuiu para a emancipação das mulheres e para a obtenção do voto feminino; Amanda Labarca se esforçou em demonstrar a função social da educação e o status das mulheres nesta. Mulheres como elas têm destacado o papel da educação como ferramenta para melhorar a condição social e jurídica das mulheres.

Se as ondas feministas são representativas de movimentos sociais e políticos que reivindicaram em seu momento o reconhecimento das capacidades intelectuais das mulheres, seus direitos civis e políticos, sexuais e nas relações de família ou laborais, estamos então diante de uma nova onda que encontra motivação na reivindicação do direito à educação sem as limitações próprias da condição de mulher.

Somente a partir de 1877 se permitiu no Chile a admissão de mulheres nas universidades, enquanto que os homens ingresavam para sus salas de aulas 35 años antes e, embora hoje a composição da matrícula do primeiro ano está distribuída de maneira mais ou menos equitativa entre homens e mulheres, continuamos presenciando amostras de essa tardança. Há uma brecha positiva de gênero de 52,1% nas áreas associadas ao cuidado de outras pessoas, ou seja, ao afazer próprio das mulheres como a educação e a saúde, enquanto a

área tecnológica, onde as mulheres ainda são implicitamente excluídas, a brecha é negativa em 64,9%.

A mobilização feminista deixa em evidência que nas salas de aulas universitárias ainda se manifestam práticas e atitudes que impactam negativamente o direito à educação de maneira igualitária, sendo denunciado o uso da linguagem que as invisibiliza. É constatada a ausência de referências de autoras na bibliografia dos programas, como se não houvesse significativas contribuições de mulheres nas diferentes disciplinas. Utilizam-se exemplos onde se expresam capacidades inferiores das estudantes em relação às de seus pares homens. Em definitiva, se observa uma falta de perspectiva de gênero em programas de estudo.

Denuncia-se igualmente que, no interior das universidades, como em qualquer outro contexto social, há diferentes expressões de violência de gênero e particularmente assédio sexual. Tais situações, por não encontrar resposta adequada, impedem que as universidades sejam espaços que garantem o pleno respeito aos direitos de todos e todas que nelas participam.

Diante do desafio que a mobilização feminista propõe, as universidades têm a oportunidade de constituir-se em efetivos espaços democráticos onde todos aqueles que integram essa comunidade podem desenvolver-se em um ambiente de respeito, igualdade, dignidade e sem discriminação. O processo é complexo e deverá iniciar-se com o reconhecimento de que nos mais diversos âmbitos, entre os que se encontra o universitário, homens e mulheres experimentam vivências de modo diferente em relação à atribuição social do papel e representação de uns e outros, provocando iniquidades. A partir daqui e, considerando especialmente o papel formador da personalidade em nosso alunado, é obrigatório trabalharmos, de maneira conjunta e participativa entre todos e todas que constituímos esta comunidade, para repensar e reconfigurar um novo modo de relacionamento entre homens e mulheres no interior de nossas universidades.

CLAUDIA MORAGA-CONTRERAS  
Universidad de Tarapacá, Chile.